

O Caminho do Amor

O Caminho do Amor

---

# O Caminho do Amor

O Caminho do Amor

CAPITULO UM

# No Principio era o Verbo

## No Principio era o Verbo

João abre seu Evangelho com palavras que ecoaram através dos séculos: «No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez». Nestas linhas encontramos algo assombroso: antes que existisse o tempo, antes que houvesse luz ou trevas, céu ou terra, já existia o Verbo — o Logos — e esse Verbo era o próprio Deus.

O que isso significa para nós? Significa que o universo não é um acidente. Não surgiu do nada sem propósito. Foi criado por uma Palavra viva, por uma inteligência amorosa que decidiu se expressar. Quando Gênesis diz «E disse Deus: Haja luz», vemos o Verbo em ação — criando mediante sua palavra, trazendo ordem do caos, vida do inerte.

E então vem o mais extraordinário de tudo: «E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós». O mesmo poder criador que formou as galáxias, que estabeleceu as leis do universo, que sustenta toda a existência — esse Verbo se fez homem. Caminhou entre pescadores e cobradores de impostos. Comeu com pecadores. Chorou junto a um tumulto. O Criador entrou em sua criação.

Jesus não foi simplesmente um bom mestre nem mais um profeta. Ele foi — e é — o Logos encarnado, Deus conosco, Emanuel. Por isso suas palavras têm peso eterno. Por isso sua vida é o modelo perfeito. Por isso seu sacrifício tem poder para transformar. Não estamos seguindo as ideias de um homem sábio; estamos seguindo o Autor da própria vida.

Paulo entendeu isso quando escreveu aos Colossenses: «Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação. Porque nele foram criadas todas as coisas... tudo foi criado por meio dele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele». Todo o universo existe em Cristo, por Cristo, para Cristo. Não há recanto da existência onde ele não seja Senhor.

Isso muda tudo. Se Cristo sustenta todas as coisas, então cada momento da sua vida acontece dentro do seu cuidado. Cada circunstância, cada encontro, cada alegria e cada prova — tudo acontece no contexto do seu senhorio. Você não está abandonado em um cosmos indiferente. Você está sendo sustentado por aquele que o amou antes de você nascer.

O salmista intuía isso quando escreveu que os céus declaram a glória de Deus. A criação inteira é um testemunho silencioso do Criador. Mas em Jesus, esse testemunho deixou de ser

silencioso. Nele, Deus falou com clareza perfeita. «Quem me vê a mim vê o Pai», disse Jesus a Filipe. Se você quer saber como Deus é, olhe para Jesus. Sua compaixão é a compaixão de Deus. Seu amor é o amor de Deus. Seu sacrifício revela o próprio coração do Pai.

Este é o convite que nos é feito: conhecer o Verbo que se fez carne. Não apenas saber sobre ele, mas conhecê-lo — entrar em relacionamento com aquele que nos conheceu primeiro, que nos amou primeiro, que deu tudo por nós primeiro. A jornada de fé começa aqui, no assombro diante do mistério da encarnação: Deus conosco, para sempre.

CAPITULO DOIS

# O Caminho que Jesus Ensinou

## O Caminho que Jesus Ensinou

Quando perguntaram a Jesus qual era o mandamento mais importante, sua resposta foi direta: «Amaras o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amaras o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas».

Nestas palavras, Jesus resumiu todo o propósito da vida humana. Não complicou as coisas com longas listas de regras. Não criou um sistema impossível de cumprir. Simplesmente disse: ame. Ame a Deus completamente. Ame os outros como você ama a si mesmo. Tudo o mais flui daí.

Mas Jesus não apenas ensinou o amor com palavras — ele o viveu com cada ação. Tocou os leprosos que ninguém queria tocar. Falou com a mulher samaritana que a sociedade desprezava. Perdoou a adúltera que a multidão queria apedrejar. Comeu com os pecadores que os religiosos evitavam. Lavou os pés de seus discípulos como um servo. E finalmente, entregou sua vida por aqueles que o rejeitavam.

«Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos», disse ele. E depois demonstrou isso na cruz. O amor que Jesus ensina não é um sentimento morno nem uma boa intenção. É um amor que custa, que se entrega, que não busca o próprio interesse. É o amor que Paulo descreve: «O amor é sofrido, e benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece; não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal».

Este é o caminho que Jesus trçou. Não um caminho de regras externas, mas de transformação interior. Não um caminho de aparências religiosas, mas de coração genuíno. Os fariseus se preocupavam em lavar os copos por fora; Jesus se preocupava com o que havia dentro do coração humano. Sabia que de dentro para fora é como acontece a verdadeira mudança.

Por isso disse: «Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz, e siga-me. Porque qualquer que quiser salvar a sua vida, perde-la-a; mas qualquer que, por amor de mim, perder a sua vida, salva-la-a». O caminho de Jesus é paradoxal: encontramos a vida perdendo-a, recebemos dando, somos exaltados nos humilhando. Vai contra tudo o que o mundo ensina sobre sucesso e poder.

O mundo diz: acumule para si. Jesus diz: de. O mundo diz: defenda-se, não deixe que pisem em você. Jesus diz: se te baterem numa face, oferece a outra. O mundo diz: ame quem te ama. Jesus diz: ame seus inimigos, abençoe os que te maldicam, faça bem aos que te odeiam.

Isso não é fraqueza. É a força mais poderosa que existe. É o poder que conquistou a morte. É o amor que transformou pescadores em apóstolos, perseguidores em missionários, pecadores em santos. É o mesmo amor que pode nos transformar — se estivermos dispostos a seguir o caminho que Jesus ensinou.

CAPITULO TRES

# A Vida como Escola da Alma

## A Vida como Escola da Alma

Tiago escreve algo que parece estranho a primeira vista: «Meus irmãos, tende grande gozo quando cairdes em varias tentacoes, sabendo que a prova da vossa fe produz a paciencia. Tenha, porem, a paciencia a sua obra perfeita, para que sejais perfeitos e completos, sem faltar em coisa alguma». Gozo nas provacoes? Alegria nas dificuldades?

Tiago nao esta sendo cruel nem indiferente ao sofrimento. Esta revelando uma verdade profunda: as dificuldades tem proposito. Nao sao castigo arbitrario nem abandono divino. Sao o fogo no qual se forja o carater, a pressao que forma o diamante, o exercicio que fortalece o musculo da alma.

Paulo tambem entendia isso: «E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus». Nao diz que todas as coisas sao boas — claramente nao sao. Diz que Deus pode usar todas as coisas para o bem. A dor, a perda, a doenca, a traicao — nada fica fora do alcance de sua mao redentora. Ele pode tomar o que o inimigo quis para o mal e converte-lo em instrumento de crescimento.

Pense em Jose, vendido como escravo por seus proprios irmaos, falsamente acusado, esquecido na prisao. Anos depois, quando finalmente se reencontrou com aqueles que o haviam traído, disse: «Vos bem intentastes mal contra mim, porem Deus o tornou em bem». O que parecia tragedia era preparacao. O que parecia abandono era posicionamento. Deus estava trabalhando mesmo quando Jose nao podia ve-lo.

Esta e a perspectiva que transforma como vivemos cada dia. As dificuldades deixam de ser obstaculos sem sentido e se tornam oportunidades de crescimento. A pessoa dificil no seu trabalho pode ser o instrumento que Deus usa para ensinar-lhe paciencia. A doenca que voce enfrenta pode ser o crisol onde se purifica sua fe. A perda que sofreu pode ser o que finalmente o levou a depender completamente dele.

O proprio Jesus foi aperfeicoado atraves do sofrimento. Hebreus diz: «Ainda que era Filho, aprendeu a obediencia, por aquilo que padeceu». Se o Filho de Deus cresceu atraves das dificuldades, por que esperaríamos um caminho diferente para nos?

Isso nao significa que devemos buscar o sofrimento nem que devemos ficar passivos diante da injustica. Jesus curou doentes, alimentou famintos, confrontou a hipocrisia. Mas significa que

quando o sofrimento chega — porque neste mundo chegara — nao precisamos nos desesperar. Ha proposito mesmo na dor. Ha crescimento possivel mesmo na perda.

Pedro diz com clareza: «Amados, nao estranheis a ardente prova que vem sobre vos para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse. Mas alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflicoes de Cristo». As provocoes nao sao estranhas ao caminho cristao — sao parte do caminho. Sao a escola onde a alma aprende o que nao poderia aprender de outra maneira.

A pergunta nao e se virao dificuldades. A pergunta e o que faremos com elas. Vamos desperica-las em amargura e queixa? Ou permitiremos que o Espirito Santo as use para nos conformar mais a imagem de Cristo? Cada dia traz seu proprio material de aprendizado. Cada circunstancia oferece a oportunidade de crescer em fe, em amor, em paciencia, em humildade.

Sua vida, exatamente como e hoje, com todas as suas imperfeicoes e desafios, e a sala de aula que Deus preparou para voce. O Mestre perfeito ja esta com voce. A licao ja comecou.

CAPITULO QUATRO

# A Escolha do Coracao

## A Escolha do Coracao

Jesus colocou diante de nos dois caminhos com uma clareza que nao deixa lugar para confusao: «Entrai pela porta estreita; porque larga e a porta, e espacoso o caminho que conduz a perdicao, e muitos sao os que entram por ela; porque estreita e a porta, e apertado o caminho que leva a vida, e poucos ha que a encontrem».

Ha duas direcoes possiveis para o coracao humano. Uma se curva para dentro, para o eu, para meus desejos, meu conforto, minha gloria. A outra se abre para fora, para Deus primeiro e para os outros depois. Uma acumula para si; a outra da. Uma busca ser servida; a outra busca servir. Uma pergunta «o que eu ganho?»; a outra pergunta «como posso amar?».

Jesus ilustrou isso com uma parabola inesquecivel: o homem rico que acumulou tantos bens que teve que construir celeiros maiores para guarda-los. «Alma, tens em deposito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e folga», disse a si mesmo. Mas Deus lhe disse: «Louco! Esta noite te pedira a tua alma». Havia vivido curvado para si mesmo, e no final nao tinha nada que pudesse levar consigo.

Em contraste, Jesus apontou para a viuva pobre que lancou duas pequenas moedas na arca das ofertas — tudo o que tinha para viver. «Em verdade vos digo que esta pobre viuva deitou mais do que todos», disse ele. Nao importava a quantidade. Importava a direcao do coracao. Ela vivia aberta para Deus, confiando nele mesmo quando nao tinha nada.

Esta escolha fundamental — para dentro ou para fora, para mim ou para outros, minha vontade ou a de Deus — se apresenta cada dia em mil formas pequenas. Em como voce responde quando alguem o ofende. No que faz com seu tempo livre. Em como trata quem nao pode retribuir o favor. Nos pensamentos que permite quando ninguem esta observando.

Paulo expressou isso com forca: «Nada facais por contenda ou por vangloria, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Nao atente cada um para o que e propriamente seu, mas cada qual tambem para o que e dos outros». E depois acrescenta: «De sorte que haja em vos o mesmo sentimento que houve tambem em Cristo Jesus». A mente de Cristo e uma mente voltada para os outros.

O proprio Jesus modelou isso perfeitamente: «O Filho do homem nao veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos». O Criador do universo tomou forma

de servo. Aquele que tinha todo direito de exigir adoracao lavou os pes de seus discipulos. Aquele que poderia ter chamado legioes de anjos se deixou pregar numa cruz por amor aqueles que o crucificavam.

Nao nos e pedida perfeicao. Nos e pedida direcao. Para onde aponta seu coracao? Para o eu ou para o amor? Cada pequena escolha na direcao do amor — cada ato de paciencia, cada palavra de animo, cada renuncia ao orgulho — e um passo no caminho estreito. E esse caminho, embora apertado, leva a vida.

A boa noticia e que nao caminhamos sozinhos. O Espirito Santo opera em nos «tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade». Nao dependemos apenas de nossa forca de vontade. Dependemos da graca que nos transforma de dentro, que inclina nosso coracao para onde por natureza nao iria.

CAPITULO CINCO

# O Espirito que Habita em Nos

## O Espirito que Habita em Nos

Antes de partir, Jesus fez uma promessa extraordinaria a seus discipulos: «E eu rogarei ao Pai, e ele vos dara outro Consolador, para que fique convosco para sempre: o Espirito de verdade... vos o conheceis, porque habita convosco, e estara em vos. Nao vos deixarei orfaos; voltarei para vos».

Os discipulos haviam caminhado com Jesus, tinham ouvido sua voz, tinham visto seus milagres. Mas agora ele prometia algo ainda mais intimo: nao apenas estaria com eles, mas neles. O Deus do universo faria sua morada no coracao humano. Paulo diz sem rodeios: «Nao sabeis vos que sois o templo de Deus e que o Espirito de Deus habita em vos?»

Isso muda tudo. Nao estamos sozinhos em nosso esforco para seguir a Cristo. Nao dependemos unicamente de nossa memoria de seus ensinamentos nem de nossa forca de vontade para obedece-los. Temos o proprio Mestre vivendo dentro de nos, guiando-nos, transformando-nos, dando-nos poder para ser o que por nos mesmos nunca poderiamos ser.

O Espirito Santo cumpre muitas funcoes na vida do crente. Jesus disse que ele «vos ensinara todas as coisas, e vos fara lembrar de tudo quanto vos tenho dito». Ha momentos em que uma palavra das Escrituras ganha vida de repente, quando um versiculo que voce tinha lido cem vezes de repente penetra seu coracao com forca nova. Esse e o Espirito ensinando, lembrando, iluminando.

Paulo fala que «o mesmo Espirito testifica com o nosso espirito que somos filhos de Deus». Ha uma certeza interior que nao vem do raciocinio, mas de algo mais profundo — uma seguranca no coracao de que pertencemos ao Pai, de que somos amados, de que estamos em casa. Esse testemunho interno e obra do Espirito.

E depois estao os frutos. «Mas o fruto do Espirito e: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fe, mansidao, temperanca». Nao sao conquistas que alcancamos por esforco proprio. Sao frutos que crescem naturalmente quando permanecemos conectados a videira. Jesus disse: «Quem esta em mim, e eu nele, esse da muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer».

A vida crista nao e principalmente um esforco para ser bom. E um relacionamento. E permanecer em Cristo e deixar que Cristo permaneca em nos. E abrir-nos cada dia ao Espirito

que habita em nos, ouvindo sua voz suave, seguindo seus impulsos, permitindo que sua vida flua através da nossa.

As vezes sua direção vem como um pensamento com clareza incomum. As vezes como uma inquietação que não te deixa em paz até que você obedeca. As vezes como uma paz profunda em meio a circunstâncias que deveriam produzir ansiedade. As vezes através das palavras de um irmão, de uma passagem bíblica, de uma circunstância que parece responder exatamente o que você perguntava.

O Espírito é gentil. Não força. Não grita. Sussurra. Convida. Espera. Respeita nossa liberdade enquanto nos atrai para a liberdade verdadeira. «Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade», diz Paulo. Não a liberdade de fazer o que quisermos, mas a liberdade de ser quem fomos criados para ser.

CAPITULO SEIS

# A Nova Criatura

## A Nova Criatura

Paulo escreveu palavras que deram esperança a milhões: «Assim que, se alguém esta em Cristo, nova criatura e; as coisas velhas ja passaram; eis que tudo se fez novo». Não diz «criatura melhorada» nem «criatura reparada». Diz nova. Algo fundamentalmente diferente. Um novo começo.

Isto e o que Jesus explicou a Nicodemos naquela noite: «Aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus». Nicodemos, um mestre respeitado de Israel, não entendia. Como pode um homem nascer sendo velho? Mas Jesus falava de outro tipo de nascimento — um nascimento espiritual, uma transformação tao radical que só pode ser descrita como começar de novo.

Isto não e reforma moral. Não e simplesmente decidir comportar-se melhor, fazer mais esforço, cumprir mais regras. E ser recriado de dentro. E receber uma nova natureza, novos desejos, novos olhos para ver, novo coração para amar. E o que Deus prometeu por meio de Ezequiel: «E vos darei um coração novo, e porei dentro de vos um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne».

O velho coração estava curvado para si mesmo. O novo coração pode amar. O velho coração estava endurecido. O novo coração e sensível a voz de Deus. O velho coração buscava sua própria glória. O novo coração encontra alegria em glorificar o Pai. Não porque se esforce mais, mas porque e diferente.

Paulo viveu isso em carne própria. Ele, que havia perseguido a igreja com fúria, que havia aprovado a morte de Estevão, que respirava ameaças contra os discípulos — esse mesmo homem se converteu no apóstolo do amor e da graça. Não foi uma mudança gradual de opinião. Foi um encontro com o Cristo ressuscitado que o transformou completamente. O perseguidor se tornou pregador. O inimigo se tornou embaixador.

Esta transformação não acontece toda de uma vez. Há um momento de novo nascimento, sim, mas depois vem toda uma vida de crescimento. Paulo fala de ser «transformados de glória em glória na mesma imagem» de Cristo. E um processo. Há avanços e retrocessos. Há dias de vitória e dias de luta. Mas a direção esta estabelecida, e aquele que começou a boa obra a aperfeiçoara.

Pedro, que negou Jesus tres vezes, se converteu na rocha sobre a qual se edificou a igreja. Suas cartas respiram amor, humildade e uma confianca inabalavel no Senhor que o restaurou. A nova criatura nele nao apagou sua personalidade — continuava sendo Pedro, impetuoso e apaixonado — mas a redirecionou, a purificou, a pos a servico do Reino.

Isto e o que Deus faz em nos. Nao nos converte em copias identicas sem personalidade. Nos transforma em versoes redimidas de nos mesmos — quem realmente fomos projetados para ser antes que o pecado distorcesse tudo. Como diz C.S. Lewis, Deus nao quer que sejamos menos nos mesmos, mas mais. A santificacao nao e a morte da personalidade, mas seu florescimento pleno.

Cada dia e oportunidade para que a nova criatura cresca. Cada escolha de amor sobre egoismo, cada momento de obediencia, cada rendicao da vontade propria — tudo contribui para o processo de ser conformados a imagem de Cristo. E um dia, quando o virmos face a face, a obra sera completa. «Seremos semelhantes a ele, porque assim como e o veremos».

CAPITULO SETE

# O Proximo como Espelho

## O Proximo como Espelho

Jesus contou uma parábola que incomodou sua audiência então e continua incomodando hoje. Um homem perguntou: «E quem é o meu próximo?» Esperava talvez uma resposta que lhe permitisse limitar sua responsabilidade. O que recebeu foi a história do bom samaritano — um estrangeiro desprezado que mostrou misericórdia quando os religiosos respeitáveis passaram ao largo.

No final, Jesus virou a pergunta: «Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?» Não se tratava de definir quem merecia nosso amor. Tratava-se de nos tornarmos pessoas que amam. O próximo não é uma categoria que limitamos; e qualquer um que encontramos no caminho.

As pessoas que Deus coloca em nossa vida não estão lá por acidente. O colega de trabalho que nos irrita. O familiar que não entende nossa fé. O vizinho com opiniões opostas. O mendigo na esquina. Cada um é oportunidade de amar — e cada um nos revela algo sobre nós mesmos.

Jesus disse sem rodeios: «Por que ves tu o argueiro no olho do teu irmão, e não reparas na trave que está no teu próprio olho?» O que nos incomoda nos outros frequentemente aponta algo não resolvido em nós. A pessoa que nos tira do sério pode ser o instrumento que Deus usa para nos mostrar áreas onde ainda precisamos crescer.

Paulo entendia isso quando escreveu: «Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo». A vida em comunidade — com todas as suas fricções e dificuldades — é a oficina onde se pule o caráter. Podemos ler sobre o amor em solidão, mas só o aprendemos em relacionamento. Podemos admirar a paciência em teoria, mas só a desenvolvemos quando alguém nos testa.

Por isso a igreja importa. Não porque sejamos perfeitos — claramente não somos — mas porque precisamos uns dos outros para crescer. «Como o ferro com ferro se aguça, assim o homem afia o rosto do seu amigo», diz Provérbios. O crescimento espiritual não é projeto individual. É algo que acontece em comunidade, no dar e receber, no perdoar e ser perdoado, no amar pessoas reais com defeitos reais.

Jesus colocou o padrão muito alto: «Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldicem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem». Não disse que

seria facil. Disse que assim seriamos filhos de nosso Pai celestial, «que faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desca sobre justos e injustos».

O amor que Jesus ensina nao discrimina. Nao calcula se o outro o merece. Nao espera reciprocidade. Simplesmente ama — porque essa e a natureza de Deus, e nos somos chamados a refletir essa natureza. Cada pessoa que encontramos e oportunidade de praticar esse amor radical. Cada interacao e momento de decisao: responderei a partir do ego ferido ou a partir do amor de Cristo em mim?

Seu proximo — o de hoje, o desta hora — e seu mestre. Nele ou nela voce encontrara exatamente as licoes que precisa aprender.

CAPITULO OITO

# A Esperanca que Nao Decepçiona

## A Esperança que Não Decepciona

Paulo escreveu da prisão palavras que ressoam através dos séculos: «Porque para mim o viver e Cristo, e o morrer e ganho». Não falava como quem teme a morte. Falava como quem sabe que há algo do outro lado — algo melhor, algo que faz as correntes presentes parecerem leves em comparação.

A esperança cristã não é otimismo vago nem ilusão para se consolar. Está ancorada em um evento histórico: a ressurreição de Jesus. «Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, e foi feito as primícias dos que dormem», diz Paulo. Se Cristo ressuscitou, então a morte não tem a última palavra. Se ele venceu o túmulo, nós também o venceremos nele.

O próprio Jesus prometeu: «Eu sou a ressurreição e a vida; quem cre em mim, ainda que esteja morto, viverá. E todo aquele que vive, e cre em mim, nunca morrerá». Estas palavras ele disse diante do túmulo de seu amigo Lázaro, momentos antes de demonstrar seu poder sobre a morte. Não eram teoria filosófica. Eram declaração de autoridade.

O que isso significa para como vivemos hoje? Significa que podemos enfrentar as dificuldades com perspectiva eterna. Paulo diz assim: «Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada». Não minimiza o sofrimento — Paulo conhecia o sofrimento melhor que a maioria — mas o coloca em contexto.

Também significa que as despedidas não são finais. «Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança». O luto é real e necessário. O próprio Jesus chorou junto ao túmulo de Lázaro. Mas o luto cristão está tingido de esperança. Não é um adeus para sempre, mas um «ate logo».

João teve uma visão do final de todas as coisas: «E Deus limpou de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas». Um dia, tudo será restaurado. Tudo o que o pecado quebrou será curado. Toda injustiça será corrigida. Todo amor verdadeiro será reunido.

Enquanto isso, vivemos no «já mas ainda não». Já somos filhos de Deus, mas ainda não se manifestou plenamente o que seremos. Já temos o Espírito como garantia da herança, mas ainda não a possuímos em sua totalidade. Caminhamos por fé, não por vista.

Esta esperança não nos torna passivos diante do sofrimento do mundo nem indiferentes à justiça. Ao contrário — porque sabemos que o Reino vem, trabalhamos para que venha. Porque cremos na restauração final, participamos da restauração presente. Alimentamos o faminto, visitamos o preso, cuidamos do doente — não porque pensemos que resolveremos todos os problemas, mas porque assim se parece o Reino, e queremos que se veja já.

A esperança cristã não decepciona, diz Paulo, «porque o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado». Não é esperança construída sobre nossos méritos nem sobre circunstâncias favoráveis. É esperança ancorada no caráter de Deus — e ele é fiel.

CAPITULO NOVE

# A Oracao e a Quietude

## A Oração e a Quietude

Em meio a um ministério intenso — multidões que o buscavam, doentes para curar, discípulos para ensinar — Jesus fazia algo que a muitos pareceria improdutivo: retirava-se a lugares solitários para orar. «E, levantando-se de manhã muito cedo, fazendo ainda escuro, saiu, e foi para um lugar deserto, e ali orava». Se o Filho de Deus precisava desses momentos de quietude com o Pai, quanto mais nós?

A oração não é principalmente uma lista de pedidos que apresentamos a Deus. É relacionamento. É conversa. É estar com aquele que nos ama. Jesus ensinou seus discípulos a orar dizendo «Pai nosso» — não «Senhor distante» nem «Juiz temível», mas Pai. A oração é o filho falando com seu pai, com a confiança de quem sabe que é amado.

Davi escreveu: «Aquietai-vos, e sabeis que eu sou Deus». Há algo que só se aprende na quietude. O ruído constante da vida moderna — as telas, as notificações, as mil vozes que competem por nossa atenção — abafa a voz suave do Espírito. Para ouvi-la, às vezes precisamos simplesmente calar.

Não se requer técnica elaborada nem postura especial. Requer-se disposição. «Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto», disse Jesus. Um lugar tranquilo. Uns minutos sem interrupção. Um coração aberto. Isso é suficiente para começar.

Às vezes a oração é palavras — louvor, confissão, petição, intercessão. Às vezes é simplesmente estar presente, sem palavras, descansando na presença de Deus como uma criança nos braços de seu pai. «Certamente me portei e me acalmei, como uma criança desmamada de sua mãe», escreveu o salmista. Há orações que não precisam de palavras.

Paulo exortou a orar sem cessar. Não queria dizer que andássemos murmurando orações vinte e quatro horas. Queria dizer que mantivéssemos uma atitude de conexão constante — uma conversa contínua que às vezes usa palavras e às vezes é simplesmente consciência da presença. Trabalhar orando. Caminhar orando. Viver em diálogo permanente com o Pai.

Na oração também ouvimos. Nem sempre como voz audível — embora Deus possa falar como quiser — mas como clareza interior, como paz inesperada, como direção que não sabemos

que precisavamos. «As minhas ovelhas ouvem a minha voz», disse Jesus. A voz do Pastor se reconhece. Mas é preciso cultivar o ouvido. E preciso praticar a escuta.

As Escrituras também são voz de Deus. Quando lemos a Bíblia não em modo de estudo académico, mas em modo de escuta — perguntando «Senhor, o que me dizes hoje?» — as palavras antigas ganham vida nova. O Espírito que inspirou as Escrituras é o mesmo que habita em nós, e ele conecta ambos.

A quietude não é fuga do mundo, mas preparação para servi-lo melhor. Jesus saía de seus tempos de oração com clareza renovada, com poder para curar e ensinar, com compaixão pelas multidões. A quietude com Deus não nos torna menos ativos, mas mais eficazes. Nós enche do que depois podemos derramar sobre outros.

Encontre seu lugar deserto. Pode ser cedo pela manhã, antes que a casa desperte. Pode ser num parque durante o almoço. Pode ser à noite quando tudo se aquieta. O lugar importa menos que a intenção. Seu Pai o espera em secreto, e quer recompensá-lo em público com uma vida transformada.

CAPITULO DEZ

# Fe e Obras

## Fe e Obras

Tiago faz uma pergunta que ecoou através dos séculos: «Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salva-lo?» E depois oferece um exemplo concreto: se um irmão ou irmã estiver nu e tiver falta do mantimento quotidiano, e algum de vós lhes disser «ide em paz, aquectai-vos, e fartai-vos» sem lhes dar o necessário, de que proveito isso?

A fé genuína se manifesta. Não permanece escondida no coração como convicção privada. Transborda em acções. «Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma», conclui Tiago. Não porque as obras nos salvem — Paulo é claro em que somos salvos pela graça mediante a fé — mas porque a fé verdadeira inevitavelmente produz fruto.

Jesus ilustrou isso com a parábola do juízo final. O Rei separa as ovelhas dos cabritos, e o critério não é doutrina correcta nem presença em reuniões. É algo muito mais simples: «Tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me».

O assombroso é que os justos nem sequer lembravam de ter feito essas coisas. Não agiram para ganhar pontos nem para serem vistos. Simplesmente amaram — e ao amar o mais pequeno, sem saber, amavam o próprio Cristo. «Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes».

Paulo, o apóstolo da graça, também entendia isso. Depois de explicar a salvação pela fé em Efésios, imediatamente acrescenta: «Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas». Não somos salvos pelas obras, mas somos salvos para obras. É o propósito mesmo de nossa nova criação.

Como isso se parece na prática? Não necessariamente em gestos grandiosos. Jesus falou de dar um copo de água fria em seu nome. Falou da viúva que deu duas moedas pequenas. As pequenas fidelidades importam. A palavra amável ao desanimado. A paciência com o difícil. O tempo dado a quem precisa. A generosidade silenciosa que ninguém aplaude.

João resume com clareza meridiana: «Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade». O amor cristão não é sentimento que fica no coração. É acção que

sai ao mundo. São as mãos e os pés de Cristo se movendo hoje, através de nós, em direção a um mundo que precisa desesperadamente ver esse amor encarnado.

A pergunta não é quanto podemos fazer — sempre haverá mais necessidade do que podemos cobrir. A pergunta é se estamos disponíveis. Se quando o Espírito impulsiona, obedecemos. Se quando vemos necessidade, respondemos. Não como carga pesada, mas como expressão natural do que Cristo fez em nós. Amamos porque ele nos amou primeiro. Damos porque ele se deu primeiro. Servimos porque ele veio para servir.

CAPITULO ONZE

# O Misterio e a Humildade

## O Misterio e a Humildade

Paulo, depois de expor as profundidades da sabedoria divina, se detem assombrado: «O profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciencia de Deus! Quao insondaveis sao os seus juizos, e quao inescrutaveis os seus caminhos! Porque, quem compreendeu a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?»

Ha um momento em todo caminho de fe onde devemos admitir: nao entendemos tudo. E isso esta bem. Deus nao nos pediu que o compreendessemos completamente. Pediu-nos que confiássemos. «Confia no Senhor de todo o teu coracao, e nao te estribas no teu proprio entendimento», diz Proverbios. A fe madura nao exige ter todas as respostas. Descansa em quem tem as respostas, mesmo que ele nao as compartilhe todas conosco.

Jo aprendeu isso da maneira dificil. Depois de capitulos de debate, de perguntas sem resposta, de dor que nao fazia sentido, Deus finalmente falou. Mas nao explicou o porque do sofrimento de Jo. Em vez disso, revelou sua grandeza — a criacao do universo, as maravilhas da natureza, os misterios que Jo nao podia compreender. E Jo respondeu: «Eis que sou vil; que te responderia eu? A minha mao ponho na minha boca».

Nao foi resposta a suas perguntas. Foi algo melhor: encontro com o proprio Deus. E nesse encontro, as perguntas perderam sua urgencia. Jo nao recebeu explicacao; recebeu presenca. «Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te veem os meus olhos».

Isso nao significa que as perguntas estejam proibidas. Os salmos estao cheios de perguntas honestas, ate de queixas. «Ate quando, Senhor? Esquecer-te-as de mim para sempre?», clama Davi. Deus nao se ofende com nossa honestidade. Prefere perguntas genuinas a certezas fingidas.

Mas ha humildade em reconhecer os limites de nossa compreensao. Isaias declara: «Porque os meus pensamentos nao sao os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Porque assim como os ceus sao mais altos do que a terra, assim sao os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos».

O que sabemos e suficiente. Sabemos que Deus e amor — Joao o afirma sem reservas. Sabemos que Cristo morreu por nos quando ainda eramos pecadores — Paulo o celebra.

Sabemos que nada nos pode separar do amor de Deus — nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o porvir. Os fundamentos estão firmes, embora muitos detalhes permaneçam em mistério.

A fé não é certeza absoluta sobre cada doutrina. É confiança em uma Pessoa. É dizer com Pedro: «Senhor, para quem iremos nos? Tu tens as palavras da vida eterna». Não porque tenhamos tudo resolvido, mas porque encontramos alguém digno de nossa confiança — alguém que demonstrou seu amor na cruz e seu poder na ressurreição.

Este pequeno livro foi um convite a meditar no caminho que Jesus ensinou. Não pretende ter todas as respostas nem substituir o estudo profundo das Escrituras. É simplesmente uma oferta — reflexões de um peregrino para outros peregrinos, todos caminhando em direção a mesma luz.

O mistério permanece. E no mistério, encontramos não frustração, mas assombro. Não ansiedade, mas adoração. Porque o Deus que não cabe em nossas categorias e também o Pai que conta os cabelos de nossa cabeça, que conhece nosso sentar e levantar, que nos amou antes de nascermos e nos amara além da morte.

«Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido». Um dia, toda a neblina se dissipará. Toda pergunta encontrará resposta. Toda dor terá sentido. Até então, caminhamos por fé — confiando naquele que nos chamou, seguindo aquele que nos amou primeiro, esperando o dia em que o veremos tal como ele é.

E enquanto isso, amamos. Porque no final, quando tudo o mais desvanecer, «agora, porém, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor».